

VEJA, como tudo começou



Há 40 anos, chegava às bancas a revista pioneira das semanais brasileiras, com o desafio de conquistar um novo leitor

REPORTAGEM EDUARDO DUARTE ZANELATO e JACQUELINE MANFRIN (3º ano de Jornalismo)
IMAGENS REPRODUÇÃO

A primeira edição da revista *Veja* chegou às bancas no dia 11 de setembro de 1968. A Editora Abril lançava o novo título no mercado editorial com uma proposta audaciosa: firmar-se como a primeira revista semanal brasileira. Criada em 1950 por Victor Civita, a Editora passava por um bom momento, editando publicações de histórias em quadrinhos, revistas de fotonovelas, femininas e de moda - lucrando com essas publicações. Faltava, entretanto, um título capaz de firmar o grupo politicamente, tornando-se referência no cenário nacional, o que se materializaria em *Veja*.

A sede de conquista da primeira semanal de informação do país surgiu quando Roberto Civita, filho de Victor, trabalhou como trainee na *Time*, em Nova York, por mais de um ano. Roberto recebeu um convite para trabalhar no Japão, ao invés de aceitar a proposta da redação norte-americana e ir para Tóquio, Civita seguiu os

conselhos do seu pai, voltou para o Brasil e, juntos, foram responsáveis pela criação da revista *Veja*, seguindo os moldes de editoras norte-americanas.

Um dos maiores sucessos da Abril foi a revista *Realidade*, lançada em 1965. Seus bons resultados sustentaram o lançamento da *Veja*, segundo Roberto Civita, presidente da Editora Abril, em entrevista à revista *Plug*, em fevereiro deste ano. "A gente apanhou, não vendia nada, perdia dinheiro a rodo, quase quebrou a Abril na época", lembra. Segundo Civita, foram quase seis anos de crise e prejuízo nas publicações da *Veja*. "Não é uma revista, ou pelo menos não era na época. Não atraía número suficiente de leitores por semana para funcionar só na banca. Então, tivemos que inventar o aspecto de assinatura", conta.

ADEQUAÇÃO AO CENÁRIO Por outro lado, a Abril oferecia bons salários e não atrasava os pagamentos. A idéia era perigo-

sa e, para a primeira equipe de jornalistas da revista, até mesmo inapropriada para a situação política que o país vivia. A ditadura militar, desde 1964, dava sinais de que o regime viria a endurecer cada vez mais e, com isso, a censura à imprensa também ficaria mais intensa. Para Mino Carta, diretor de redação da revista *Veja* entre 1968 e 1976, os Civita não faziam idéia do contexto político brasileiro no lançamento da revista. Numa análise, 40 anos após o primeiro exemplar, Mino diz ser incongruente lançar uma revista com um posicionamento crítico em relação à política e economia em pleno governo militar. "A Editora Abril lançou-se numa empreitada sem perceber as consequências. Porque no meu entendimento, do ponto de vista político, a Abril estava muito atrasada. Tinha má compreensão do país, tinha má compreensão da situação política". Carta justifica sua anuência ao projeto de forma direta: "E eu [*permaneci*]



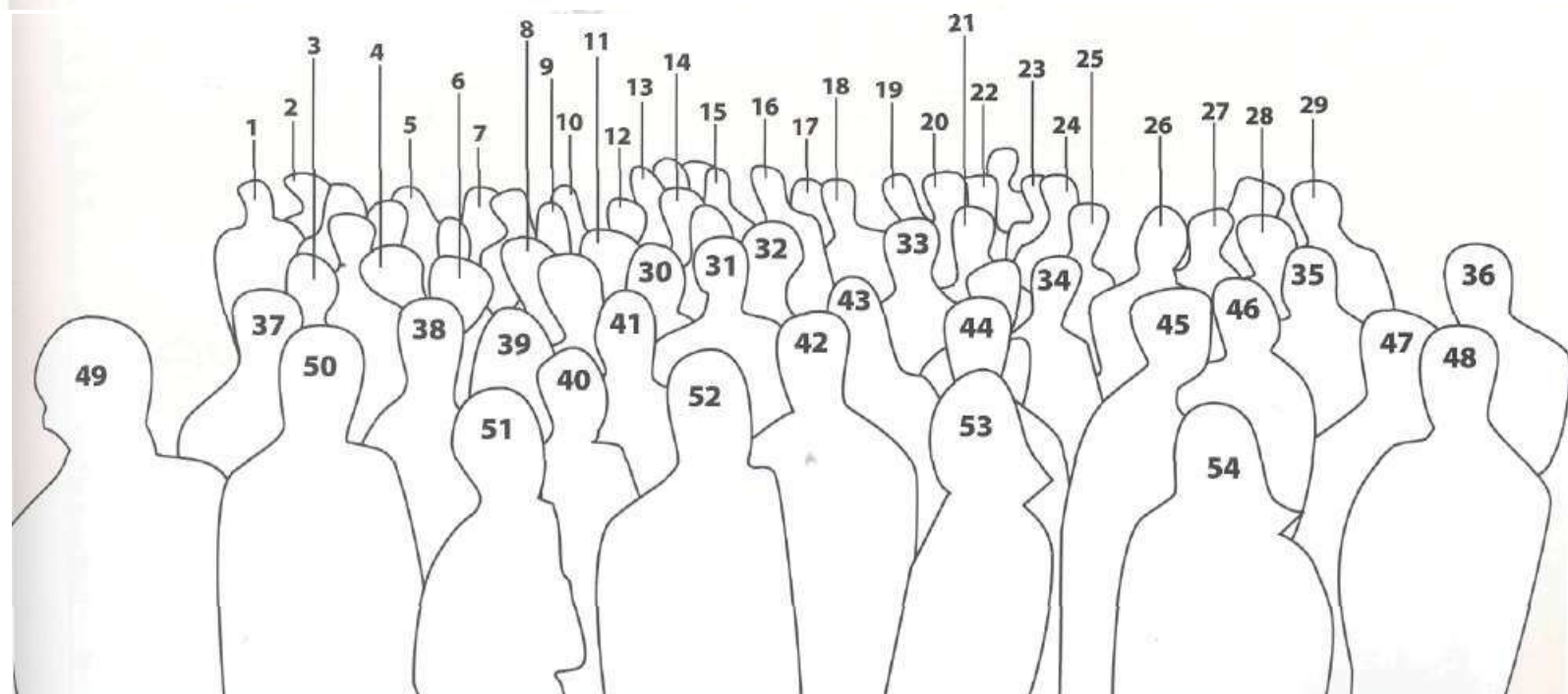
A primeira redação de veja

Dias Lopes era repórter, Sérgio Telles era correspondente em Fortaleza e Cristiano Mascaro era fotógrafo; todos da revista *Veja*. Os três vasculharam suas lembranças para ajudar **ESQUINAS** a identificar as pessoas da foto. "Poxa, por que vocês tem que nos lembrar que isso já faz quarenta anos?", indagou Mascaro. O editor Mino Carta teve a idéia de levar parte da redação da primeira revista semanal brasileira até a gráfica da Editora Abril, para uma foto que seria publicada no editorial do primeiro número. Nem todos puderam ir, Dias Lopes é o único que aparece na foto.

- 1 - George Duque Estrada
- 2 - Adilson Pereira
- 3 - Léo Gilson Ribeiro
- 4 - Eliane Machado
- 5 - Anthony de Christo
- 6 - Nello P. Gandara
- 7 - Guiomar Ferreira
- 8 - Luis Gutemberg
- 9 - Sérgio Oyama
- 10 - Raimundo Pereira
- 11 - José Ramos Tinhorão
- 12 - Raul Cruz Lima
- 13 - Ênio Squeff
- 14 - Geraldo Mayrink
- 15 - Antônio C. Augusto
- 16 - Tariq De Souza
- 17 - Glauco Carvalho
- 18 - Celso Ming

- 19 - Guilherme Veloso
- 20 - Carlos Soullé do Amaral
- 21 - Dias Lopes
- 22 - Tão Gomes Pinto
- 23 - Dírceu Brísola
- 24 - Roberto Pereira
- 25 - Bettina Scheier
- 26 - Ademar Assaoka
- 27 - Talvani Guedes
- 28 - Henrique Caban
- 29 - Roberto Muller
- 30 - Maria da Penha Délia
- 31 - Caio Fernandes Abreu
- 32 - Hayle Gadelha
- 33 - Cláudio Lachini
- 34 - Luis Trimano
- 35 - Américo Ietto Filho
- 36 - Hélio de Almeida

- 37 - Silvio Sena
- 38 - Thereza Linhares
- 39 - Leila Ancona Lopez
- 40 - Geisa Mello
- 41 - Laerth Pedrosa
- 42 - Ulysses Alves de Souza
- 43 - Neide Martins
- 44 - José Maria Mayrink
- 45 - Hélio Nogueira da Gama
- 46 - Eda Maria Romio
- 47 - Geraldo Guimarães
- 48 - Gabriel Manzano
- 49 - Roberto Muggiati
- 50 - Alexandre Daunt Coelho
- 51 - Beatriz Horta
- 52 - Mino Carta
- 53 - Isa Basbaum
- 54 - Cecilia Finger





Veja surgiu como um empreendimento editorial da Editora Abril. Deu prejuízo no começo, mas, devido a insistência da Editora, tornou-se um dos títulos mais lidos do país, com uma tiragem atual de 1 milhão de exemplares. Abaixo, as primeiras capas da revista

militar muito severa".

COMOSEFAZUMASEMANAL Para criar e executar o projeto, Carta saiu do Jornal da Tarde e passou uma temporada fazendo estágios em revistas semanais de informação fora do país. As experiências foram nas americanas *Time* e *Newsweek*. A proposta do novo título era levar ao leitor uma revista enxuta, com um texto agradável capaz de conquistá-lo. De volta ao Brasil, o editor-chefe escalou um time com quem trabalhara no JT. Segundo Gabriel Manzano Filho, que passou de copidesque do jornal a redator de *Veja*, Mino convidou, num primeiro momento, a equipe que formaria a cúpula da revista, como editores e sub-editores. Nessa onda, chegaram a *Veja* nomes como Roberto Guzzo, Tão Gomes Pinto, Roberto Muggiati e Sérgio Pompeu. Com eles, Carta treinou a equipe fazendo 13 "números zero" da revista, ou seja, edições experimentais que nunca chegaram às bancas e serviram para testar o modelo que seria usado na publicação. "Os números-zero foram uma boa escola", afirma Cristiano Mascaro, fotógrafo que chegou à redação em abril daquele ano.

Como toda a equipe inicial vinha de jornais diários, existia uma grande dificuldade para aprender a escrever para uma revista semanal. Para que a publicação não perdesse em qualidade logo de cara, Mino Carta explica que as edições experimentais serviram para identificar os principais erros. "Nem o público estava acostumado com este tipo de publicação e nem nós, jornalistas, sabíamos ao certo como era produzir uma revista semanal de informação", conta. A partir disso, foram chegando outros nomes, não só do Jornal da Tarde, mas também a convite da equipe de editores subordinados a Carta. Data desse período a chegada de Gabriel Manzano, do fotógrafo Cristiano Mascaro e

quieto, porque quando me mudei para a Abril exigia uma autonomia muito grande. Eu discutiria com os donos da casa a linha política, discutiria a linha editorial e, uma vez feito isso, acabou: eu seria o dono do pedaço. E isso me dava grande autonomia, grande liberdade de vôo". Civita apresenta

opinião diferente: "Quando lançamos não sabíamos que vinha o AI-5. Não sabíamos. O que sabíamos era dos primeiros quatro [anos], de 1964 a 1968, em que o Brasil teve um período glorioso. Porque embora fosse uma ditadura militar, foi um momento em que (pausa). Primeiro não era uma ditadura



"Nem o público, nem nós, jornalistas, sabíamos ao certo como era uma revista semanal de informação", diz Mino Carta

do jornalista Dias Lopes. Nesse momento, a redação começava a se completar e chegava à marca de 83 profissionais apenas em São Paulo. Com colaboradores, *bureau* e correspondentes, a equipe total envolvida na produção de *Veja* era de 157 pessoas.

SÓ ALEGRIA Gabriel Manzano chegou à revista duas ou três semanas antes da estreia, a comitê de Tão Gomes Pinto. "Com 22 anos vemos o galo cantar e já queremos ir para a festa", conta, lembrando a empolgação da época. Também data dessa época - mais precisamente abril de 1968 - o ingresso de Mascaró, que chegou à revista após indicação de Claudia Andujar, na época fotógrafa da revista *Realidade*. Dias Lopes teve uma trajetória extensa em *Veja*. Nos 22 anos ininterruptos que passou na redação da semanal atuou tanto como jornalista-pesquisador (que basicamente, segundo ele, "comprava livros" nessa função), quanto como editor, passando por especialista em livros e repórter de religião.

Apesar da correria de uma redação de revista semanal não era difícil encontrar histórias curiosas. Mascaró ressalta que os fotógrafos lidavam diretamente com a censura e a força do regime militar e que nas coberturas de protestos e passeatas a equipe de fotografia da revista tinha de lidar com a apreensão de filmes ou, em momentos mais tensos, a apreensão da máquina e a retirada truculenta dos filmes por policiais. Mas, segundo ele, isso apenas aumentava o estímulo: "Saíamos loucos para flagrar algo."

RESSACA Essa festa, misto de intensa preocupação editorial e forte exigência profissional em relação aos repórteres, custou caro à editora. O lançamento da revista consumiu um milhão de dólares em publicidade. Some-se a isso uma redação enorme, mesmo em relação aos padrões da época, e muito bem remunerada. Apostando alto, o

primeiro número teve uma tiragem de 700 mil exemplares. Para se ter idéia do risco que corriam, hoje, 40 anos depois, entre assinaturas e vendagem em bancas, a revista tem uma tiragem de, aproximadamente, um milhão de exemplares.

"Ela [Abril] criou no público a impressão de que iria chegar uma revista semanal ilustrada, concorrente da *Manchete*. Não era nada disso. Era uma revista de leitura", conta Mino. Ele acredita que assim como o público não estava preparado para receber uma revista no estilo das semanais norte-americanas, a própria equipe de jornalistas e repórteres não tinha condições de desenvolvê-la. "A revista não estava boa a meu ver, muito pelo contrário. Mas já era muito corajosa", completa.

O Brasil não possuía um público leitor capaz de absorver tantas informações em uma semana e isso se refletiu diretamente na circulação da revista, que aos poucos foi diminuindo. A segunda edição tirou 500 mil exemplares e trazia na capa a questão da Igreja no Brasil e já foi recolhida das bancas pela censura. A terceira saiu com 250 mil exemplares, a quarta, 100 mil e a quinta, apenas 50 mil exemplares.

Além da censura, a revista passou por um momento crítico: com a baixa nas vendas, era hora de fazer cortes na redação. Manzano relata que Carta reuniu toda a equipe, contou o que estava acontecendo e listou os nomes que fazia questão que continuassem na revista. Aos demais, pediu que se pudessem, saíssem assim que encontrassem uma boa oportunidade. Foi nesse momento que Gabriel Manzano recebeu uma proposta da revista *Realidade*, e aceitou. "Paralelamente houve uma crise na *Realidade*, surgiu uma oportunidade e eu fui", relata.

ALTOS E BAIXOS Carta tinha um acordo com os Civita: eles não interfeririam no

conteúdo da revista, mas poderiam fazer uma análise crítica do que havia sido publicado e repassar isso ao diretor de redação. Foi em sua gestão que foram publicadas entrevistas históricas. À *Veja*, Nelson Rodrigues afirmou em 1969: "Eu sou um anticomunista". No mesmo ano, o cientista do projeto espacial americano Werner von Braun foi taxativo: "Haverão estações espaciais orbitando a Terra, e muitos vôos para os laboratórios no espaço". Em 1972, foi a vez de Tarsila do Amaral polemizar. "Quis fazer um quadro que assustasse o Oswald de Andrade", disse, justificando *Abaporu*, obra de 1928. E mais adiante, em 1975, o ditador chileno Augusto Pinochet declarou: "Não existem presos políticos. Há pessoas detidas em virtude do estado de sítio ou por haverem cometido crimes comuns"

Carta assinou o expediente de *Veja* ao longo de sete anos e passou por muitos altos e baixos. O último deles provoca polêmica até hoje. Ele atribui sua saída a um acordo entre seus superiores e o governo militar. A Abril receberia 50 milhões de dólares para quitar dívidas externas e, em troca, mudaria o tom da cobertura jornalística feita até então. Carta saiu em 1976 após longas férias, depois que o acordo inicial de não interferência fora descumprido: Plínio Marcos havia sido censurado em sua ausência. Carta retornou e demitiu-se. Com ele, saíram de *Veja*: Nirlando Beirão, Tão Gomes Pinto, Armando Salem, Fernando Sandoval, Hélio Campos Melo e Silvio Lancellotti.

Por mais fortes que sejam as críticas em relação à mudança da linha editorial da revista após a saída de Mino Carta da chefia de redação, *Veja* manteve seus princípios originais, pautados pela audácia e coragem da editora de lançar no mercado editorial brasileiro, diante de um regime militar, uma revista semanal de informação. Culpa dos Civita ou não, o fato é que *Veja* se tornou um produto rentável já na década de 1970 e, com a explosão das assinaturas, em 1980, tornou-se o título mais lido do país - depois superado por *Caras*, na década de 1990 - e, mais influente instrumento político do grupo. *Veja*, que há 40 anos era um primo pobre do *Pato Donald*, primeira publicação de sucesso do Grupo Abril, tornou-se o Tio Patinhas do mercado editorial brasileiro. ■

